

Reflexões geográficas sobre a filosofia do caminhar

Geographical reflections about a philosophy of walking

Reflexiones geográficas sobre la filosofía del caminar

Lucas de Lima Fernandes Padoan

Universidade Federal de Minas Gerais

lpadoan2@hotmail.com

Bernardo Machado Gontijo

Universidade Federal de Minas Gerais

gontijobm@yahoo.com.br

Resumo

O objetivo principal deste trabalho é refletir sobre o ato de caminhar para além do movimento de imersão humana e de experiência geográfica de mundo. Para isso, trazemos trabalhos de importantes pensadores que discutem a temática do caminhar, buscando um recorte do movimento mecânico do corpo, uma vez que pode ser considerado um movimento filosófico século XVIII à atualidade. Além disso, nos empenhamos em analisar as expressões do ato de caminhar, ou seja, as formas na qual o caminhar está inserido na estrutura de nossa sociedade. Por fim, acreditamos que o caminhar na sua condição subjetiva de experienciar e significar o espaço acaba estando diretamente relacionado ao conhecimento geográfico e até mesmo na identidade da geografia enquanto ciência.

Palavras-chave: Caminhar; Experiência geográfica; Imersão humana.

Abstract

The main objective of this work is to discuss the act of walking beyond the mechanical movement of the body, since it can be considered a philosophical movement of human immersion and geographical experience of the world. For this, we bring the works of important thinkers who discuss the theme of walking, seeking a cut from the eighteenth century to the present. In addition, we strive to analyze the expressions of the act of walking, that is, the ways in which the walk is inserted in the structure of our society. Finally, we believe that walking in its subjective condition of experiencing and signifying space ends up being directly related to geographic knowledge and even to the identity of geography as a science.

Keywords: Walk; Geographical experience; Human immersion.

Resumen

El objetivo principal de este trabajo es discutir sobre el acto de caminar más allá del movimiento mecánico del cuerpo, ya que puede ser considerado un movimiento filosófico de inmersión humana y de experiencia geográfica de mundo. Para ello, traemos trabajos de importantes pensadores que discuten la temática del caminar, buscando un recorte del siglo XVIII a la actualidad. Además, nos esforzamos en analizar las expresiones del acto de caminar, o sea, las formas en que el caminar está inserto en la estructura de nuestra sociedad. Por último, creemos que el caminar en su condición subjetiva de experimentar y significar el espacio termina estando directamente relacionado al conocimiento geográfico e incluso en la identidad de la geografía como ciencia.

Palabras-clave: Caminar; Experiencia geográfica; Inmersión humana.

Uma introdução ao caminhar

A capacidade de andar é inerente ao *Homo sapiens*, uma vez que é através dela – mas não elemento exclusivo – que a espécie conquistou o espaço em todo o planeta. Para o ser humano, a importância do ato de caminhar está diretamente associada à sua história e trajetória. Warren Dean, na obra *A Ferro e Fogo* (1995), descreve o processo de devastação da Mata Atlântica e em sua narrativa relaciona com os movimentos migratórios do *Homo sapiens*: “a retomada da expansão da Mata Atlântica coincidiu com sua descoberta pelos homens, caçadores que subitamente invadiram as planícies sul-americanas há talvez 13 mil anos”. Foi através de ondas migratórias derivadas da ação de caminhar que o ser humano se espalhou a partir do continente africano para todo o globo, chegando à América do Sul aproximadamente entre 12 mil e 14 mil anos atrás (LÉVY, 1998).

É certo que o ato de caminhar atualmente não apresenta a mesma conotação que há 20 ou 15 mil anos quando o ser humano migrava na busca de saciar suas necessidades fundamentais, seja na procura por alimento ou espaço. Se pensarmos na forma como a sociedade moderna se estruturou ao longo do tempo, pouco esforço é exigido de nosso par de pernas, as facilidades urbanas tornam nossas vidas cada vez mais dinâmica e ao mesmo tempo sedentária, chegando a um ponto em que é possível acordar em uma manhã ensolarada e exclamar para si mesmo com um misto de determinação e espanto: “hoje vou para o trabalho andando”. Com uma vasta gama de possibilidades para se locomover de um ponto a outro, o ato de andar médias e longas distâncias têm se tornado cada vez mais obsoleto, uma vez que surge a possibilidade de utilizar veículos particulares, linhas públicas de transporte, dentre outras maneiras de deslocamento. Inclusive, em alguns casos a possibilidade de se adotar algum meio de transporte passa a não ser mais uma opção e sim uma necessidade, haja vista que se deve levar em consideração outros elementos presentes na estrutura de uma sociedade moderna: distância, tempo, hora do dia, segurança e afins. A respeito disso, Gros (2010, p.17) reitera que existe uma certa banalização da caminhada no cotidiano urbano:

Quando se vai para “fora”, é sempre para se passar de um “dentro” a outro: da residência ao escritório, de sua casa às lojas comerciais da vizinhança. Sai-se para fazer alguma coisa, em outro lugar. O lado de fora é uma transição: aquilo que separa, quase um obstáculo. Entre cá e lá. Mas isso não possui um valor próprio. O trajeto de casa até o metrô é percorrido independentemente do tempo que está fazendo, com um corpo apressado, a mente ainda tomada por detalhes da vida pessoal e já voltada para as obrigações profissionais, as pernas rápidas, enquanto a mão se assegura, apalpando nervosamente os bolsos, de que não se esqueceu nada. Fora mal existe: como um grande corredor que separa, um túnel, uma imensa câmara de escape.

Ao compararmos o ato de caminhar em épocas que estão separadas por um enorme abismo do tempo humano, é preciso considerar os contextos completamente distintos na história e trajetória do *Homo sapiens*. A intenção em evocar a “funcionalidade” ou “objetivo” do ato de caminhar em épocas tão afastadas se faz pela necessidade de chamar a atenção para discutir os significados, as apropriações ou sentidos de uma caminhada para indivíduos inseridos em um cotidiano urbano no âmbito da sociedade moderna do século XXI, uma vez que o ato de caminhar pode estar associado a uma atividade de lazer, esportiva ou até mesmo à condição financeira de um sujeito. Mais uma vez reforçamos que a concepção de caminhada como atividade de lazer, esporte ou quaisquer outras acepções possíveis não são exclusivas do homem urbano do século XXI, afinal:

Caminhar faz parte da essência humana. Mesmo não sendo algo recente na sociedade, o ato de caminhar em ambientes naturais tem-se tornado cada vez mais popular. A explicação para isso é simples, pois foi só depois do surgimento dos grandes centros urbanos que o ser humano sentiu a necessidade de buscar um contato com ambientes naturais como forma de aliviar as tensões diárias (GRECCO, 2006, p. 79).

Sim, caminhar sem sombra de dúvidas faz parte da essência humana, sabendo-se que existem numerosas condições de nossa existência física, sendo uma delas a movimentação do corpo. Schelle (1808) indica que, apesar de não se tratar de uma condição direta da vida, como é o caso da alimentação e do sono, ainda assim trata-se de um elemento indireto, visto que a saúde do corpo é indispensável para o bom funcionamento do organismo e, sobretudo, para o exercício mental. Um indivíduo pode passar anos sem se movimentar, ou até mesmo toda a sua existência, no entanto avariaria sua qualidade de vida tanto no que diz respeito a sua condição física, quanto mental, visto que “mesmo supondo-se que a falta de movimento do corpo e a estada contínua numa atmosfera confinada não abafem de imediato o bom senso, elas não deixam de gerar um estiolamento do espírito, mesmo quando a razão é plenamente utilizada” (SCHELLE, 1808, p. 17).

O movimento mecânico do corpo está diretamente ligado ao espaço pelo qual ele se desloca, sendo assim torna-se preciso dialogar sobre o que entendemos por “corpo” e “espaço”. É através do corpo que interagimos com o espaço, que nos relacionamos com o mundo, que existimos no mundo. O corpo não é um objeto e muito menos uma ferramenta, apesar de que Le Breton (2007) denuncia que este já tem se tornado mais “corpo-máquina” do que propriamente um organismo que vive o espaço e que sente mundo.

A noção de espaço pode estar associada a uma categoria de análise da geografia que, segundo Corrêa (1995), está presente no dia a dia e nas diversas ciências. Contudo, a expressão espaço geográfico – ou simplesmente espaço – pode ser entendida como uma porção específica da superfície da Terra, sendo ela identificada pela natureza ou por uma forma particular do ser humano

imprimir suas marcas. O espaço pode ser considerado um termo abstrato e dotado de inúmeros significados. Apesar de não ser de nosso interesse aprofundar na discussão desse conceito pelo qual a geografia se apropriou como categoria analítica, se faz imprescindível nos termos desse trabalho considerar a multiplicidade de possibilidades de se compreender o espaço por si só.

Segundo Tuan (1983), pessoas de culturas distintas certamente diferem na forma como fracionam e concebem o mundo, assim como na maneira de atribuir valores e significados às suas partes e, sobretudo, no modo de mensurá-las e medi-las:

As maneiras de dividir o espaço variam enormemente em sofisticação, assim como as técnicas de avaliação de tamanho e distância. Contudo, existem certas semelhanças culturais comuns, elas repousam basicamente no fato de que o homem é a medida de todas as coisas. Em outras palavras, os princípios fundamentais da organização espacial encontram-se em dois tipos de fatos: a postura e a estrutura do corpo humano e as relações (quer próximas ou distantes) entre as pessoas. O homem, como resultado de sua experiência íntima com seu corpo e com outras pessoas, organiza o espaço a fim de conformá-lo a suas necessidades biológicas e relações sociais (TUAN, 1983, p. 49).

Ao falarmos de “corpo”, ainda segundo Yi-Fu Tuan (1983), remetemo-nos imediatamente a uma ideia de objeto antes de ser vivo, sendo o corpo uma “coisa” que está no espaço ou que ocupa um espaço. Em contrapartida, o autor nos lembra que quando utilizamos os termos “homem” e “mundo”, dificilmente pensamos no homem como um objeto no mundo ocupando uma pequena parte do espaço, mas sim no homem inserido no mundo, imaginando-o, criando-o e transformando-o, afinal “o corpo é um “corpo vivo” e o espaço é um espaço constructo do ser humano” (TUAN, 1983, p. 49). Para Holzer (2012), o termo “mundo” foi recorrentemente substituído por “espaço” à luz do conhecimento geográfico com a finalidade de adquirir um status de ciência nos moldes positivistas.

A dialética entre “mundo” e “lugar” é mais antiga e arraigada que a do par “espaço” e “lugar”. Na geografia, esse par vem sendo discutido muito recentemente, e considero que envolve essências espaciais de natureza muito diversas: o “lugar” está ligado a vivências individuais e coletivas a partir do contato do ser com o seu entorno; enquanto o “espaço” é uma racionalização abstrata, uma construção mental, que busca uniformizar e homogeneizar o suporte físico (HOLZER, 2012, p. 290-291).

Assim como o termo “mundo”, Grün (1996, p. 95) sugere que “terra” foi igualmente lançada na esteira do cartesianismo, sendo a casa-esfera, vista de maneira distinta, isolada e afastada dos indivíduos. Por outro lado, o autor enxerga outra terra, a casa-organismo, representada pelo movimento de enraizamento e conexão.

Dessa maneira, através da movimentação do corpo no mundo, no ato de caminhar, podemos experienciar o próprio espaço. A experiência é um termo que abarca distintas formas em que uma

pessoa conhece, reconhece e constrói uma realidade que, de acordo com Tuan, variam desde os sentidos mais diretos e passivos: olfato, paladar, tato, audição e a percepção visual ativa. Além disso, é possível incluirmos o sentimento e o pensamento como elementos constituintes da experiência que geralmente concebem ideias opostas, uma vez que temos os sentimentos registrando estados subjetivos, enquanto o pensamento assimila a realidade objetiva. Nas palavras de Tuan (1983, p.19): “de fato, estão próximos às duas extremidades de um continuum experiencial, e ambos são maneiras de conhecer”.

Sendo assim, considera-se que o ato de caminhar passe pelo filtro dos sentidos, sentimentos e pensamentos, atravessando o campo da experimentação, ainda que em diferentes níveis para cada indivíduo, o que caracteriza uma experiência distinta para um mesmo espaço. Dessa forma, nos aproximamos da reflexão de Schelle (1808, p. 10), ao afirmar que “é muito natural que se deseje aproveitar toda a paleta de impressões proporcionadas pelos passeios e, aprofundando a natureza desse prazer múltiplo, multiplica-lo e ainda aumentá-lo”. Por assim dizer, Schelle afirma que esse processo de experimentação que aproveita a “paleta de impressões” que um trajeto pode proporcionar acaba por destacar aquele que caminha “às cegas” por um passeio, daquele que de fato “enxerga”. Apesar de estar em grande medida de acordo com a constatação do autor, deve-se atentar e tomar cuidado para o fato de que essa ideia pode restringir a concepção de como se deve ocorrer a caminhada, sendo preciso destacar novamente a multiplicidade de formas que um passeio pode ser entendido para cada indivíduo, levando em consideração não só o objetivo da caminhada, mas também a trajetória de vida, incluindo toda a bagagem cultural e intelectual do sujeito.

A imersão no espaço a partir das caminhadas

Uma caminhada, seja ela no espaço urbano ou natural, é capaz de se constituir como um ato crítico e sensorial (MARTINS, 2009). Andando, se estabelece uma ligação entre o corpo e o espaço, criando a partir dela uma conexão sensível quando exercitada: a imersão. Ao nosso ver, a imersão é um processo que se deriva da experiência, principalmente quando o indivíduo se abre para uma nova lógica de reprodução no espaço, um exemplo claro é quando buscamos o meio natural como um refúgio da rotina urbana e, com isso, tentamos imergir em outra lógica. Obviamente o processo de imersão pode ser muito maior que uma inversão de valores (como o caso do exemplo dado), tratando-se, portanto, de uma abertura consciente para novas vivências que repercutem no nosso ser, nos levando à reflexão, significação e ressignificação de percepção, valores e até mesmo de atitudes. Sem sombra de dúvidas, podem existir inúmeros graus de imersão no espaço (que podem variar inclusive com a escala espacial observada), o que torna ainda mais difícil conceituar o termo,

embora sob uma ótica objetiva e simplificada, signifique nada mais que a ação de imergir ou mergulhar.

A imersão, como um ato sensorial e perceptivo, foi citada por Featherstone (2000) ao conceituar o termo *flâneur*, o qual tem sua origem em Paris do século XIX, associado às práticas de caminhar e olhar, gastar tempo e folgar. Se por um lado o *flâneur* pode ser considerado o preguiçoso ou “desperdiçador”, por outro pode ser visto como um observador atento:

O *flâneur* busca uma imersão nas sensações da cidade, “banhar-se na multidão”, perder-se nas sensações, sucumbir ao arrasto de desejos aleatórios e aos prazeres da escopofilia. A associação com um surrealismo *avant la lettre* é evidente quando o *flâneur* se entrega ao jogo dos fluxos precognitivos de impressões, associações e lembranças meio informes. Ao mesmo tempo, o *flâneur* registra mentalmente as impressões, durante a caminhada ou em um lugar sossegado, quando volta da rua. Talvez anote suas impressões numa caderneta, tal como um detetive que ainda desconhece o caso que terá de resolver, mas que, por princípio, julga que tudo é ou poderia ser significativo. O *flâneur* desenvolve, portanto, sua sensibilidade estética nas oscilações entre envolvimento e distanciamento, entre imersão emocional e descontrole, e momentos de registro e análise cuidadosa da “colheita aleatória” de impressões das ruas (FEATHERSTONE, 2000, p. 192).

O *flâneur* está associado ao ato de caminhar atento, observador, e Featherstone associa o termo à imersão nas cidades, em suas inúmeras dimensões que possibilitam diferentes olhares para um mesmo local. Acreditamos que essas ideias podem ser transpostas às caminhadas em ambientes naturais, uma vez que é possível empregar o mesmo movimento de introjeção no espaço e abrir um vasto leque de perspectivas para sentir a paisagem. Diante dessa discussão entre caminhadas no ambiente urbano e caminhadas “na natureza”, Gros (2010, p. 182) pontua que:

O grande caminhador romântico, o eterno *Wanderer*, estava em comunhão com o Ser. A caminhada era uma grande cerimônia de união mística, o caminhante fazendo-se presente à Presença, aninhando-se junto ao seio puro de uma Natureza maternal. [...] O caminhante das cidades não está presente a uma plenitude do Ser, está apenas disponível a impactos visuais e esparsos. O caminhante se realiza no abismo de uma fusão, o *flâneur* na explosão de uma dispersão indefinida de estilhaços.

As caminhadas ou passeios em meio ao ambiente natural constituem-se em um ótimo mecanismo de se experienciar o espaço e promover o processo de imersão. Posto isso, o que queremos dizer com “experienciar o espaço”? Ao experienciar um espaço desconhecido ou indiferenciado, abre-se a possibilidade de transformá-lo em um lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor (TUAN, 1983). É preciso lembrar também que o conceito de lugar vai muito além do sentido geográfico de localização, sendo produto direto da experiência humana: “Não se refere a objetos e atributos das localizações, mas a tipos de experiência e envolvimento com o mundo, a necessidade de raízes e segurança” (RELPH, 1979). Contudo, nas palavras de Leite

(1998): a “relação de afetividade que os indivíduos desenvolvem com o lugar só ocorre em virtude de estes só se voltarem para ele munidos de interesses pré-determinados, ou melhor, dotados de uma intencionalidade”. Acreditamos que é essa intencionalidade que contribui para o processo de imersão, uma vez que se constata uma abertura consciente do indivíduo àquela experiência, afinal o lugar “é criado pelos seres humanos para os propósitos humanos” (TUAN, 1975).

Será que Gros (2010), ao afirmar que o caminhante das cidades estaria apenas disponível aos impactos visuais considerou a perspectiva da experiência? Não que seja nosso objetivo discutir as diferenças entre caminhadas em ambiente urbano ou natural, mas deve-se considerar toda a complexidade humana e as possibilidades de reflexões, sentimentos e sensações que um passeio pode gerar e isso não depende apenas do local que se passeia.

Nesse sentido, o conceito de lugar reflete diretamente a experiência humana no espaço e a vivência do indivíduo no mesmo. De tal forma, Tuan elenca dois conceitos de suma importância para qualificar o sentimento com o lugar: topofilia e topofobia, os quais são descritos por Silva *et al.* (2014, p. 254):

Topofilia, que diz respeito à familiaridade, apego ao lugar - já que topo denota lugar e filia concerne à filiação -, e topofobia, que representa o inverso, tendo em vista que o radical fobia remete à aversão, tornando-se o lugar do medo, da repugnância. A familiaridade, nesse sentido, “engendra afeição ou desprezo”, como pontua Tuan.

Por assim dizer, o processo de imersão é extremamente diverso, uma vez que está intrinsecamente relacionado à experiência. Dessa maneira, ao pensarmos nas caminhadas como uma atividade imersiva, não há dúvidas que se trata de uma possibilidade capaz de vincular o indivíduo a um lugar. Tuan (1983, p.165) afirma que “viver muitos anos em um lugar pode deixar na memória poucas marcas que podemos ou desejaríamos lembrar; por outro lado, uma experiência intensa de curta duração pode modificar nossas vidas”, ou seja, experiências intensas ou íntimas tornam-se capazes de marcar a trajetória de um ser humano. Experiências advindas da imersão em uma caminhada ao longo de uma trilha pode ser um exemplo de uma experiência intensa de curta duração, sendo que as vezes podemos não lembrar de momentos ou fatos que ocorreram em nossa própria casa, mas uma caminhada pode deixar lembranças para o resto da vida em função do tipo de experiência ou vivência do indivíduo.

As experiências íntimas jazem enterradas no mais profundo do nosso ser, de modo que não apenas carecemos de palavras para dar-lhes forma, mas frequentemente não estamos sequer conscientes delas. Quando, por alguma razão, assomam por um instante à superfície de nossa consciência, evidenciam uma emoção que os atos mais deliberados – as experiências ativamente procuradas – não podem igualar. As experiências íntimas são difíceis de expressar. Um simples sorriso ou contato pode

alertar nossa consciência sobre um momento importante. Na medida em que esses gestos podem ser observados, eles são públicos. São, entretanto, efêmeros e seus significados estão longe de uma interpretação verdadeira, que não podem propiciar a base para o planejamento em grupo e ação. Carecem de firmeza e objetividade de palavras e imagens (TUAN, 1983, p. 167-168).

Obviamente, a experiência íntima vai muito além de uma mera lembrança que fica guardada em nossa memória; ela marca nossa trajetória e possivelmente provoca influências em nossa vida. Tuan acredita que os momentos íntimos são muitas vezes aqueles em que nos tornamos passivos e que nos deixam vulneráveis, expostos à carícia e ao estímulo de novas experiências.

As caminhadas ou passeios, segundo Martins (2009), configuram-se em uma das diversas formas simbólicas pelas quais o corpo pode significar e resignificar lugares. A imersão e a experiência estão relacionadas com o corpo. Experimentar é aprender e o aprendizado é decodificado pelas emoções, pensamentos e pelas sensações. Em função disso, justifica-se a tamanha riqueza de experiências que uma caminhada pode suscitar, ou seja, caminhar em diferentes lugares trazem à tona distintas reflexões e sentimentos, até mesmo uma caminhada em um mesmo lugar pode trazer diferentes experiências caso vivenciada em diferentes momentos da vida (TUAN, 1983).

Certas coisas parecem ser evidentes ou estar em contradição com a noção de arte. À primeira vista, o passeio pareceria pertencer a essa categoria. Mas trata-se apenas de uma impressão à primeira vista. Não é necessário refletir muito tempo ou com profundidade para dissipar totalmente essa ilusão. Quem não sentiria que os passeios em meio a outras pessoas provocam uma impressão bem diferente de um passeio à natureza? Quem colocaria no mesmo plano os prazeres de um passeio a pé, a cavalo ou de carro, e quem desconheceria, nem que fosse apenas pela impressão que dele extrai, o prazer especial proporcionado por cada um deles? Quem ousaria dizer que passeia sempre da mesma maneira, na encosta de uma montanha ou num vale, num prado ou num bosque? Se esse fosse realmente o caso, se – como em pleno mar, diante de uma imensa extensão de água calma, ou em plena noite, quando não é mais possível distinguir nada – as diversas impressões dadas pela natureza e pela sociedade se dissipassem todas em nosso coração, então passear seria a coisa mais simples do mundo. Mas como esse não pode ser o caso – se não seria necessário que os passeios fossem apenas uma sucessão de vagares e de fantasias secretas – é muito natural que se deseje aproveitar toda a paleta de impressões proporcionadas pelos passeios e, aprofundando a natureza desse prazer múltiplo, multiplica-lo e ainda aumentá-lo. É somente aí que não se anda mais às cegas durante os passeios (SCHELLE, 1808, p. 9).

Sob a ótica aqui desenhada, uma caminhada pode ser sentida das mais diversas maneiras, sua riqueza reside na conexão que criamos com a terra, dependendo não só de onde caminhamos e como caminhamos, mas levando em consideração a personalidade e bagagem cultural/intelectual do indivíduo que caminha, fazendo do passeio uma arte. A respeito disso, podemos citar Rousseau (1782, p. 116): “Tudo na Terra está em um fluxo contínuo que não permite a nada assumir uma forma constante. Tudo muda a nossa volta. Nós mesmos mudamos, e ninguém pode garantir que amará amanhã aquilo que ama hoje”. Não existe locais iguais em nenhum ponto do planeta, assim

como não existe um sujeito com exatamente as mesmas características, o que evidencia a riqueza de possibilidades que a imersão em trilhas pode proporcionar em decorrência dessa diversidade humana e ambiental. Diante disso, colocamos um fragmento de Schelle (1808, p. 11-12), no qual reflete e justifica o passeio como uma arte:

Uma arte do passeio seria de interesse para todas as pessoas cultas que gostam de flunar, com o espírito e os sentidos alertas, tanto na natureza como nos locais frequentados, e de usufruir plenamente da natureza e da sociedade durante seus passeios; da mesma forma como a arte de viver deveria ser para cada indivíduo um objeto de atenção, no sentido pleno do termo, se a vida fosse para ele um pouco mais do que um simples jogo.

É bem possível que no discurso de Schelle encontremos alguns anacronismos quanto a termos ou até mesmo em algumas ideias, por isso, precisamos lembrar que o documento foi redigido no século XIX, em 1808, configurando-se em uma outra época e um outro contexto sociocultural, apesar de que indubitavelmente Schelle tenha assegurado enormes contribuições para o entendimento e compreensão da arte de passear, tanto como ato mecânico, como exercício intelectual, reflexivo e imersivo, ainda que não utilizasse a imersão no contexto em que empregamos aqui. Para o autor, o passeio é de interesse das pessoas cultas e ao longo de sua obra cita que a caminhada se trata de um exercício intelectual, o qual deveria ter tanta atenção quanto a arte de viver. Embora Schelle diga que o passeio só será de fato desfrutado por pessoas cultas e letradas, acreditamos que para “aproveitar toda a paleta de impressões proporcionadas pelos passeios” é necessário apenas estar aberto para as experiências, afinal sendo culto/letrado ou não, haverá experiência e aprendizado para qualquer indivíduo, ainda que advinda de forma indireta ou inconsciente, assim como apontaria Tuan.

Nesse sentido, a caminhada e a vivência pode ser tanto individual quanto coletiva, bem como indica Schelle (1808) e Tuan (1983). Ambos os autores discutem a possibilidade de imersão solitária ou em grupo. Sendo assim, Schelle (1808, p. 42) é bem claro ao afirmar que “não é necessário estar só para responder à finalidade do passeio em plena natureza, e é até mesmo perfeitamente possível deixar-se tomar por uma tranquila conversa com um companheiro que esteja com a mesma disposição que si próprio”, ou seja, o autor reforça a ideia de que até mesmo um diálogo sem paixão sobre coisas cotidianas da vida ao longo de uma caminhada não é suficiente para eliminar as impressões que a natureza provoca no coração, isso é, se ambos estiverem dispostos. Contudo, Schelle (1808, p. 43) ressalva que “aquele que não queira ser simplesmente o eco de impressões exteriores e que, ao contrário, sinta do seu íntimo a necessidade de se abandonar ao seu próprio espírito e viver consigo mesmo, por vezes passeie sozinho”. Assim, o autor acredita que não há problemas de experienciar trilhas e caminhadas junto a outros companheiros. Entretanto,

aquele que anseia por um aprofundamento espiritual que vá ao encontro com si mesmo, deve caminhar sozinho com a finalidade de encontrar-se com seus pensamentos mais íntimos, afinal, o passeio solitário em meio a natureza, para Schelle, é uma forma de desenvolvimento do espírito.

As ideias de Schelle se assemelham com o que Jean-Jacques Rousseau apresenta anos antes ao registrar seus devaneios durante suas caminhadas solitárias, obra publicada postumamente em 1782 conhecida como “Os devaneios do caminhante solitário”. O autor relaciona a condição de solidão no ato de caminhar como forma de atribuir liberdade aos seus pensamentos e deixar suas reflexões ecoarem.

Tendo concebido, portanto, o projeto de descrever o estado habitual de minha alma na mais estranha condição em que jamais possa se encontrar um mortal, não vi maneira mais simples e mais segura de realizar essa empresa do que manter um registro fiel de minhas caminhadas solitárias e dos devaneios que as preenchem quando deixo minha mente livre por inteiro e minhas ideias seguem suas inclinações, sem resistência e sem dificuldade. Essas horas de solidão e meditação são as únicas do dia em que sou eu mesmo por inteiro e pertencço a mim sem distração, sem obstáculo, e em que posso dizer de verdade que sou o que a natureza quis (ROUSSEAU, 1782, p. 16).

Esse registro de Rousseau apresenta traços das características do *flâneur* expostas por Featherstone (2000), principalmente no que se refere aos devaneios que preenchem a mente no ato de caminhar. O devaneio, de acordo com Eigeldinger (2010, p. 16, tradução de Salvadori, 2011), seria um estado de êxtase, o qual estaria “naturalmente associado à sensação de ser parte integrante do Todo, na ausência de qualquer noção temporal”. A qualidade do devaneio, tanto para Rousseau quanto para Schelle, estaria condicionada principalmente ao passeio solitário. Concordamos com ambos os autores ao afirmarem que as reflexões advindas das caminhadas solitárias sejam possivelmente distintas das que emergem ao se realizar um passeio acompanhado. Em contrapartida, não acreditamos que exista uma forma mais adequada de se passear, uma caminhada acompanhada pode igualmente garantir uma viagem ao íntimo do sujeito. Essa “viagem ao interior” não estaria associada apenas ao fato de estar sozinho ou em grupo, mas levaria em conta um conjunto de elementos que, ao nosso ver, envolveria onde se passeia, o porquê se caminha e até mesmo a trajetória do sujeito.

Tuan (1983), ao discutir a experimentação individual ou coletiva, evoca a definição de lugar íntimo, sendo eles “transitórios e pessoais, onde podem ficar gravados no mais profundo da memória e, cada vez que são lembrados, produzem intensa satisfação, mas não são guardados como instantâneos no álbum da família nem percebido como símbolos comuns” (p. 172). O sentimento de lugar íntimo, ao nosso ver, pode ser suscitado a partir de uma trilha ou um acontecimento em uma caminhada, a qual foi realizada tanto de forma solitária quanto coletiva. Tuan considera que o

compartilhamento de experiência entre indivíduos não requer conhecimento de detalhes da vida de cada um, visto que a intimidade emerge nos momentos de verdadeira consciência e troca, ou seja: “cada troca íntima acontece em um local, o qual participa da qualidade do encontro. Os lugares íntimos são tantos quantos as ocasiões em que as pessoas verdadeiramente estabelecem contato” (p. 172). Em suma, assim como Schelle propôs em 1808, Tuan acredita que o acesso às experiências e vivências mais profundas só ocorrem se o próprio indivíduo estiver disposto a tal, lembrando da ideia de experiência íntima, que não sendo exaltada, passa-se despercebida, sendo que apenas quando refletimos sobre a mesma é que reconhecemos o seu valor.

A imersão propiciada por uma trilha ou uma caminhada em meio natural é muito mais que uma simples movimentação do corpo (como já dizia Schelle), ela envolve todos os nossos sentidos em ligação com o lugar (como ressalta Tuan). O ato consciente de caminhar, o passeio, envolve um encontro com a terra em que se anda e consigo mesmo, traz as mais profundas reflexões e promove marcas na memória e, em alguns casos, em nossa trajetória de vida. A ideia de imersão está completamente atrelada ao conceito de lugar descrito por Tuan, o qual observa-se o indivíduo ligado ao espaço por um sentimento de familiaridade e apego (topofilia) ou por um sentimento de aversão e desprezo (topofobia).

Sendo assim, a imersão em trilhas nos torna capaz de exercitar e aguçar nossos sentidos em seus níveis mais diversos: a euforia e o medo, o relaxamento e a exaustão, a fartura e a fome, o calor e o frio, o seco e o úmido, a indiferença e a contemplação. São infinitas as possibilidades, assim como são infinitos os sentimentos e as reflexões suscitadas por uma única caminhada. Em outras palavras, a imersão está pautada na subjetividade do sujeito: sua experiência com o lugar levará em consideração sua trajetória de vida e suas paixões mundanas, assim como nos mostra Tuan em um de seus exemplos, “um cego acreditava que poucas pessoas que veem poderiam desfrutar, mais do que ele, o cenário do cume de uma montanha” (1983, p. 27). Interagimos no espaço e assim imprimimos nossas paixões, temores, aspirações e desejos, transformando, portanto, um espaço indiferenciado em um lugar completamente dotado de valor e significações.

Expressões do caminhar

Caminhar se faz um ato filosófico pautado pela diversidade, o qual atualmente se manifesta das mais distintas formas em um amplo espectro de possibilidades, seja expressada em uma simples caminhada rotineira num bairro residencial de uma cidade ou na prática de complexas trilhas e travessias em ambiente natural. Tratando-se da prática de trilhas e travessias, podemos facilmente encontrar uma associação de tais atividades ao conceito de turismo de aventura. Basicamente

configura-se em um segmento do setor turístico de caráter recreativo, cujo objetivo principal é a prática de atividades de aventura. De acordo com Grecco (2006, p. 69):

Quando o termo “aventura” é evocado, imediatamente surge na mente de muitas pessoas uma série de associações (em função de bagagens experienciais) tais como, emoção, adrenalina, medo, desafio, terror, risco, inspiração, conquista, audácia, sucesso, rusticidade, expedição, entre outros.

Zimmermann (2006) pressupõe que o esporte de aventura traz um contato intenso com a natureza, íntimo, no qual o ser humano se sente bem consigo mesmo e concebe o meio em sua complexa vastidão. Em um sentido de tentar compreender a noção de aventura, Bruhns (2003, p. 31) coloca que a prática da aventura em espaços naturais está associada às fortes emoções que a atividade proporciona, não apenas durante o exercício, mas também ligado ao simples fato de se constituir em uma viagem, o que também inclui os preparativos e as expectativas para a mesma. Nesse sentido, Costa (2000, p.15) afirma que:

A prática de esportes no meio selvagem, junto a natureza, está associada a ideia de aventura carregada de um forte valor simbólico. Uma aventura que mobiliza o imaginário dos atores sociais, que se envolvem com essas atividades animados pelos mitos e símbolos das culturas que os enreda. As propriedades simbólicas, físicas e técnicas dessas práticas revelam-se nos modos de os perceber. É comum, além dos esportistas, os segmentos ecoturístico e empresariado aproximarem-se desses esportes adotando as práticas de aventura e risco como arte de viver, desafiando calculadamente os riscos em decisões úteis que indicam as probabilidades de êxito e a ponderação de seus benefícios, motivados pela incerteza e pelo estado de interação com os elementos da natureza.

Obviamente que um sujeito ao buscar a aventura, por exemplo, em uma trilha ou travessia, não necessariamente o fará através de uma empresa especializada em turismo e esporte de aventura, afinal até mesmo todo o processo de planejamento, preparação e execução da atividade pode estar incluso nas motivações do praticante. Castrogiovanni (1995) acredita que o fenômeno do turismo é de caráter econômico, social e cultural, possibilitando diferentes grupos sociais de desfrutá-lo sob várias óticas. Em outras palavras, a prática da atividade pode ser mediada através de pacotes turísticos oferecidos por empresas, guias locais ou organizada de forma autônoma, movida por interesses pessoais, ainda que realizada em grupo ou individualmente.

É preciso ressaltar que, como aponta Zimmermann (2006), podemos encontrar a aventura enquanto atividade turística ou esportiva através de inúmeras nomenclaturas: esportes selvagens, atividades de aventura na natureza, desportos californianos, esportes de aventura, atividades deslizantes na natureza, *outdoor adventure recreation*, esportes radicais, entre outras. Essa variedade de tipologias e definições possíveis surgiram principalmente em decorrência da dificuldade de cercar as características desse grupo de atividades.

É bem possível que tais interesses na busca por aventura possam estar associados à capacidade de imersão do sujeito já discutida em outro momento, retomando a vontade de vivenciar experiências e trazer à pele sentimentos de seu interior. Grecco (2006, p. 69) aponta que “a natureza da aventura não pode ser eficientemente traduzida por uma única característica, mas sim por um conjunto de atributos, ou qualidades” que incluem incerteza de resultados, perigo e risco, desafio, expectativa de recompensa, novidade, estímulo e entusiasmo, escapismo e separação, exploração e descoberta, atenção e concentração, emoções contrastantes.

Os elementos que Grecco aponta como constituintes da aventura dialogam com as ideias de Schelle (1808) no que se refere à paleta de impressões proporcionadas pelos passeios na natureza, bem como também se relaciona com a proposta de Tuan (1983), ao colocar a noção de lugar como um espaço dotado de valor e percebido a partir da experiência e vivência do sujeito. A prática da aventura interage com o espaço, com a paisagem geográfica e, sobretudo, é capaz de produzir lugares. Costa (2000, p. 14) nos lembra que não se deve reduzir a busca por aventuras a um mero ato mecânico que visa a excitação do corpo, mas sim considerar um outro tipo de busca, “algo que está aqui/além, dentro/fora do indivíduo”. Em outras palavras, a aventura, mesmo que em seu extenso universo de possibilidades de atividades, integra o sujeito ao mundo, colocando-o em sua condição de pequenez diante de tudo o que há para ser descoberto.

O que significa descobrir o mundo? É incorporá-lo, integrá-lo ao corpo. Não um corpo naturalista, fechado no espaço, mas sim uma compartimentação temporal do espaço, ou seja, permite que o espaço seja uma unidade de sentido. O espaço flui no tempo através do corpo. A história, então, é o tempo que continua disponível. O que é espacial decai num horizonte temporal, permitindo uma nova espacialidade da qual a anterior é agora o horizonte. O mergulhador, por exemplo, carrega com ele a caverna explorada e todas as suas experiências (ZIMMERMANN, 2006, p. 19).

Se um mergulhador carrega uma caverna explorada e as experiências advindas dessa vivência, igualmente um caminhante guarda uma trilha e os conhecimentos adquiridos com a mesma. Cada caminho trilhado pode significar uma história diferente, assim como um mesmo caminho pode gerar inúmeras experiências distintas e extremamente significativas para um sujeito. Zimmermann (2006) acredita que a aventura significa promover a “troca de energias”, na qual o indivíduo não as recebe passivamente, é necessário ser/estar na natureza, ser parte da ação, conferir uma ideia de fluxo e assumindo-se como uma unidade.

As travessias são, a grosso modo, trilhas de longa duração nas quais o sujeito perpassa um caminho específico, podendo o trajeto se alterar em função de imprevistos. Sendo assim, constata-se a importância de estudar a região, considerando o relevo, a vegetação, o clima e, sobretudo, a produção humana no espaço. Todos os preparativos constituem-se em passos fundamentais para

realizar a atividade, uma vez que não se deve subestimar o trajeto ou superestimar as próprias capacidades desportivas: uma travessia não é uma competição e muito menos lhe renderá um troféu por completa-la. Atravessar significa, ao nosso ver, buscar o contato com o espaço, vivenciar o lugar, experienciar momentos e promover uma viagem ao próprio íntimo, ao conhecido e ao desconhecido, trazer à pele sentimentos e proporcionar reflexões.

De acordo com Grecco (2006), o trekking proporciona um retorno à natureza, no qual o sujeito busca alcançar novos desafios e conquistas pessoais que vão muito além do êxtase pelo êxito do trajeto. Zimmermann (2006) acredita na busca pelo equilíbrio entre mente, corpo e meio, onde temos a atividade inserida no espaço e mediada pelo tempo, o qual adquire um novo caráter: o vivido e experienciado. Dessa maneira, apesar do trekking poder ser considerado uma atividade turística, se diferencia de um turismo predatório e desordenado que desmancha e descaracteriza a paisagem, bem como indica Ferreira (2007, p. 35):

Com o desenvolvimento do turismo, e aqui voltamos a falar do turismo de massa, muito desses locais que hora eram remotos e de difícil acesso passam a se tornar lugares “comuns, com facilidades advindas do desenvolvimento da atividade turística e, aos poucos, perdem suas características, do desafio, da busca pelo desconhecido, dentre outros. Os trekkers começam a procurar outros locais, fugindo desse crescimento desenfreado do turismo, e continuam com a essência de buscar locais “inatingíveis”, cheio de obstáculos, culturas remotas e paisagens únicas.

Em contrapartida ao que Grecco (2006), Zimmermann (2006) e Ferreira (2007) colocam caminhadas enquanto atividade turística ou esportiva, já Gros (2010) afirma com certo rigor que tais práticas definitivamente não são caminhadas. O autor infere que o esporte é dotado de regras e envolve competição, deixando de lado a improvisação e o talento:

O esporte é constituído de contagens: em que posição você ficou? Qual foi seu tempo? Qual o resultado? Sempre a mesma divisão entre o vencedor e o vencido, tal como na guerra – há um parentesco entre a guerra e o esporte do qual a guerra tira sua honra e o esporte, sua desonra: do respeito pelo adversário ao ódio pelo inimigo. O esporte é também, obviamente, o senso da resistência, o gosto pelo esforço, a disciplina. Uma ética, um trabalho. Mas é além disso algo de material, revistas, espetáculos, um mercado. São performances. O esporte proporciona imensos cerimoniais midiáticos, apinhados de consumidores de marcas e imagens. O dinheiro toma-o sob controle para despojar as almas, e a medicina, para fabricar corpos artificiais (GROSS, 2010, p. 9).

Concordamos que há uma apropriação do esporte pela competição, pelo consumismo e pela mídia, podendo criar uma condição autodestrutiva para a capacidade imersiva de um sujeito. Gros prossegue:

Muito embora se tenha tentado criar um novo mercado de acessórios: calçados revolucionários, meias incríveis, mochilas práticas, calças funcionais... E se

procure implementar o espírito do esporte: não se faz mais uma caminhada, se “faz um trekking”. Vendem-se bastões alongados que deixam os caminhantes com a aparência de improváveis esquiadores. Mas nada disso vai muito longe. Nem pode ir muito longe (GROS, 2010, p. 10).

Uma crítica precisa e necessária nos tempos atuais. Acreditamos que essas práticas são de fato um meio de acessar as possibilidades de imersão, mas isso só se faz possível se o caminhante estiver disposto. Bruhns (2003) indica que caminhar por uma trilha em ambiente natural é um exercício para os sentidos, evidenciando a complexidade da subjetividade:

A experiência sensível provocada por essa opção esportiva pode reverter-se num modo de conhecimento relacionado a determinadas emoções, fundidas com os sentidos corporais, no contato com a natureza. Uma experiência de contemplação, filtrada por valores e concepções de vida pode emergir, bem como um sentimento de união pelo pertencimento a um cosmo comum. Fundamentado numa ética pelo respeito e do redescobrimto (BRUHNS, 2003, p.42).

Aquele que caminha apenas para atingir o outro lado e apressa suas passadas para chegar mais cedo gera sua experiência em uma trilha, mas está longe de aproveitar o que o caminho pode de fato oferecer. A chegada para esse caminhante pode não significar mais do que uma simples chegada, por vezes regada a insultos e irritação. Por outro lado, o sujeito que se coloca aberto perante o caminho, e respeitosamente se sente parte dele, com certeza o ponto final poderá significar muito mais do que uma simples chegada. Até mesmo os momentos penosos e difíceis podem se transformar em sentimento prazeroso de conquista e superação. Na esteira desse raciocínio, Gros descreve com maestria a redenção do caminhante diante da chegada:

Quando finalmente o peregrino larga a mochila e pode parar porque ele conseguiu, chegou, ele quase nem precisa concretizar por meio dos olhos da carne essa visão conquistada: seu corpo já está preenchido com ela até a ponta dos dedos dos pés. Então toda a jornada fica transfigurada. Chegar caminhando àquele lugar cujo nome fez sonhar o dia inteiro, cujo aspecto imaginou longamente, ilumina, de modo retroativo e compensatório, o caminho. E o que foi efetuado com fadiga e por vezes tédio, perante essa presença absolutamente sólida que justifica tudo, passa a constituir uma série de momentos necessários e alegres. Caminhar torna o tempo reversível (GROS, 2010, p. 129).

Assim, caminhar se revela algo que vai muito além que um ato mecânico de movimentação corporal, torna-se um processo de infusão do corpo no espaço.

Considerações finais

Independente da atribuição que a caminhada tome, seja turística, seja esportiva ou até mesmo filosófica, enxergamos as possibilidades de imersão a partir delas. Caminhar é por si só um ato imersivo. Haverá experiências advindas do simples fato de percorrer uma trilha, ainda que sua intensidade possa variar em função da abertura de cada sujeito para vivenciar os momentos em um

caminho. E mesmo que um caminhante esteja fechado ao que o caminho tem a oferecer, este pode estar suscetível ao aprendizado ainda que de forma indireta ou inconsciente. É nesse sentido que o caminhar lento, o passo após passo, se revela importante:

A caminhada - não se descobriu nada melhor para andar mais devagar. Para caminhar, são necessárias antes de tudo duas pernas. O resto é supérfluo. Querem andar mais depressa? Nesse caso não caminhem, façam outra coisa: rodem, deslizem, voem. Não caminhem. E depois, quando se anda a pé, só há um desempenho que de fato conta: a intensidade do céu, o viço das paisagens (GROS, 2010, p. 10).

Concordamos que o caminhar lento se faz relevante para o processo de imersão, embora seja necessário ressaltar novamente que não se pode definir a introjeção no espaço como uma receita que deve ser fielmente seguida por cada sujeito. O ato de caminhar se demonstra diverso, o que possibilita as inúmeras formas de se perceber e percorrer um mesmo caminho, podendo estar associado a uma variedade de elementos, inclusive, na busca pela aventura.

A aventura está presente em nossa essência, em nossa história e vai muito além de um leque de esportes apropriados por alguma segmentação turística. O espírito da aventura, segundo Costa (2000, p. 5), é inerente as grandes conquistas da humanidade, “em especial no século XVI, quando desbravou os mares e foi ao encontro de outras civilizações”. No Brasil, o século XVIII e XIX também foi marcado por exímios aventureiros: os naturalistas e suas expedições. Perpetuados pela ousadia, coragem e contribuições para as ciências naturais, foram movidos pela curiosidade e pela vontade de explorar o desconhecido, realizando inúmeras travessias em território brasileiro. Estabelecer a relação entre os grandes feitos da humanidade e a presença do espírito aventureiro é algo intrínseco e reverbera na sociedade, influenciando e revelando-se de valor inestimável, sobretudo, para a constante construção do conhecimento.

A grande maioria das expedições e viagens de exploração foram registradas por seus membros, seja através de diários ou até mesmo assumindo a forma de narrativas literárias. Esse vasto conteúdo produzido pela humanidade ao longo dos anos ficou conhecido, como aponta Amorim Filho (2008), por literatura de viagens. Todo esse registro de caminhantes, expedições e aventuras empreendidas no passado, revela-se uma importante fonte não só de escritos acerca do espaço geográfico, mas também da subjetividade humana, já que o relato, bem como lembra Rousseau (1782) e Featherstone (2000), são uma das formas possíveis de conservar os acontecimentos através das impressões e sentimentos, assim como as reflexões advindas do ato de caminhar.

Diários de viagem, desenhos rascunhados, pinturas minuciosas e narrativas literárias são deixadas como herança dessas grandes expedições, aventuras e longas incursões no espaço. Todo

esse material se configura como importante registro histórico, embora o maior legado assuma um caráter abstrato e impalpável, citado por Amorim Filho (2006, p.14) como um “espírito geográfico”, o qual é alimentado pela necessidade infindável da aventura, elemento presente no surgimento, desenvolvimento e até mesmo na identidade da geografia enquanto ciência.

Por fim, ressaltamos mais uma vez a necessidade e a importância de se estabelecer diálogos e aprofundar os estudos acerca do ato de caminhar enquanto movimento filosófico, sendo uma extraordinária via pela qual se faz possível experienciar e vivenciar o espaço geográfico. Em outras palavras, caminhar pode ser considerado um meio pelo qual um sujeito encontra de conceber e significar o espaço, tornando, portanto, o caminhar na condição de experiência geográfica.

Referências

AMORIM FILHO, O. B. A pluralidade da Geografia e a necessidade das abordagens culturais. *Caderno de Geografia (PUCMG)*, v. 16, p. 35-58, 2006.

AMORIM FILHO, O. B. Literatura de explorações e aventuras: as "viagens extraordinárias" de Júlio Verne. *Sociedade & Natureza (UFU. Impresso)*, v. 20, p. 107-119, 2008.

BRUHNS, H. T. No ritmo da aventura: explorando sensações e emoções. In: MARINHO, A.; BRUHNS, H. T. (Orgs.). *Turismo, lazer e natureza*. p. 29-52. São Paulo: Editora Manole, 2003.

CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos. Geografia e turismo: reflexões. *Boletim Gaúcho de Geografia*, v. 20, n. 1. Porto Alegre, 1995.

CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço: um conceito-chave da Geografia. In: *Geografia: conceitos e temas*. P. 15-47. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

COSTA, Vera Lucia de Menezes. *Esportes de aventura e risco na montanha*. Editora Manole Ltda, 2000.

DEAN, Warren. *A Ferro e Fogo: a história e a devastação da Mata Atlântica brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

EIGELDINGER, F. S. Introduction critique. In: ROUSSEAU, J. J. *Les Rêveries du Promeneur Solitaire*. Paris: Champion Classiques, 2010.

FEATHERSTONE, Mike. O flâneur, a cidade e a vida pública virtual. In: ARANTES, Antônio Augusto (org.). *O Espaço da diferença*. Campinas: Papius Editora, 2000.

FERREIRA, Raoni Araújo. *Trekking – Da aventura à Possibilidade de desenvolvimento do ECOTURISMO – Um olhar sobre duas travessias na Serra do Cipó*. Maio de 2007. 126 f. Monografia (Graduação em Turismo) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, maio de 2007.

- GRECCO, André Pavani. *As atividades ecoturísticas e de aventura no contexto paisagístico de São Bento do Sapucaí – SP*. Dissertação (Mestrado em Geografia) Universidade Estadual Paulista. 230 f. Rio Claro - SP, 2006.
- GROS, Frédéric. *Caminhar, uma filosofia*. São Paulo: É Realizações, 2010.
- GRÜN, Mauro. *Ética e educação ambiental: a conexão necessária*. São Paulo: Papirus Editora, 1996.
- HOLZER, Werther. Mundo e lugar: ensaio de geografia fenomenológica. In: MARANDOLA JÚNIOR *et al.* (Orgs.). *Qual o espaço do lugar?*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2012.
- LE BRETON, David. *Adeus ao corpo*. Papirus Editora, 2007.
- LEITE, Adriana Filgueira. O lugar: duas acepções geográficas. *Anuário do Instituto de Geociências*, v. 21, p.09-20. Rio de Janeiro, 1998.
- LÉVY, Pierre. A Revolução contemporânea em matéria de comunicação. *Revista FAMECOS*. Porto Alegre: 1998.
- MARTINS, Marcos. O caminhar como pratica artistica de intervir no Espaço Urbano. *ANPAP: 18º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas Transversalidades nas Artes Visuais*. Salvador, 2009.
- RELPH, E. C. As Bases Fenomenológicas da Geografia. *Geografia*, 4 (7): 1-25, 1979.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques (1782). *Os Devaneios do Caminhante Solitário*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 3ª ed., 1995.
- SALVADORI, T. T. Temporalidade n'Os Devaneios de Rousseau: uma análise da Primeira Caminhada. VI Encontro de Pesquisa. UNESP. *Anais do VI Encontro de Pesquisa na Graduação em Filosofia da UNESP*, Vol. 4, nº 1, p. 52-62. 2011.
- SCHELLE, Karl Gottlob (1808). *A arte de passear*. São Paulo, 1º ed. Editora Martins Fontes, 2001.
- SILVA, Edilane; COSTA, Érika; MOURA, Geraldo. Topofobia e Topofilia em “A Terra”, de “Os Sertões”: Uma Análise Ecocrítica do Espaço Sertanejo Euclidiano. *Soc. & Nat., Uberlândia*, 26 (2): 253-260, mai-ago, 2014.
- TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. Editora: Difel, 1983.
- TUAN, Yi-Fu. Place: an experiential perspective. *Geographical Review*, 65 (2): 151-165. 1975.
- ZIMMERMANN, Ana Cristina. Atividades de aventura e qualidade de vida. Um estudo sobre a aventura, o esporte e o ambiente na Ilha de Santa Catarina. *Lecturas: Educación física y deportes*, n. 93, p. 19, 2006.